





REVOLUÇÃO, MEU AMOR
MAIO 68, UM ANO DEPOIS



MARIA ANTÓNIA PALLA

REVOLUÇÃO, MEU AMOR

MAIO 68, UM ANO DEPOIS



Sibila
PUBLICAÇÕES

LISBOA 2018

Revolução, Meu Amor – Maio 68, Um Ano Depois

©2018 Maria Antónia Palla

Título original: *Revolução, Meu Amor – Maio, Um Ano Depois*

Edição original: Prelo Editora, Lisboa, 1969

©Sibila Publicações

www.sibila.pt

www.facebook.com/sibilapublic

www.twitter.com/sibilapublic

Este livro é uma edição especial da Colecção Mulheres de Palavra®

Editores: Inês Pedrosa, Gilson Lopes

Design, paginação e produção: Above Below Comunicação Unip. Lda.

Revisão: Dulce Reis

Fotografia capa: ©Philippe Grass/Le Pictorium. Maio de 1968, Ile de France, Paris.

Fotografia pp. 2 e 3: ©Tangopaso. Barricadas na Rua Paul Bert. Maio de 1968, Bordéus.

Fotografia p. 4: ©Eduardo Gageiro. A autora na redacção do *Século Ilustrado*, 1970.

1.ª edição: Abril de 2018

Tiragem: 500 exemplares

ISBN: 978-989-99946-5-2

Sibila Publicações é uma chancela editorial de:

Nas Tuas Mãos Unip. Lda.

Apartado 014081

EC Cinco de Outubro

1064-000 Lisboa

E-mail: admin@inespedrosa.com

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita dos editores. Respeite o direito de autor. Diga não à cópia.

Ao meu filho que desde cedo
aprendeu a contestar, a lutar
e a amar a Liberdade

«Sê jovem e cala-te.»

Autor: Atelier Populaire¹, «Ex-Escola de Belas Artes».

¹ Quase a totalidade da notável criatividade e produção de cartazes do Maio 68 é da autoria do Atelier Populaire (os alunos da Escola de Belas Artes de Paris).

Em 14 de Maio de 1968, a Escola de Belas Artes de Paris foi ocupada pelos estudantes e posteriormente reorganizada e rebaptizada com o nome Atelier Populaire. Os estudantes em poucos dias montaram uma organização altamente eficaz, produzindo em serigrafia e distribuindo diariamente milhares de cartazes impressos que, em seguida, foram afixados nas ruas.

Hoje, muitos dos cartazes, pela sua beleza e pela eficácia da mensagem, são celebrados como obras de grande qualidade artística e comunicacional. (*Nota dos Editores*)

**SOIS
JEUNE
ET
TAIS
TOI**



ATELIER POPULAIRE
EX-ECOLE DES
BELUX-ARTS

ÍNDICE

A REVOLTA: MAIO 68	13
Introdução	
BASTA DE CONTESTAR	27
Jean-Luc Godard	
O MEU NOME É DULCINEIA	39
Jacques Brel	
UMA HORRÍVEL SURPRESA	55
Siné	
A FRANÇA RECUSA A VIOLÊNCIA.....	73
Françoise Giroud	
APENAS UMA UTOPIA?	87
Sauvageot	
TODAS AS COISAS SÃO ESPANTOSAS E INCRÍVEIS ..	109
António José Saraiva	
O ANEL DO SENHOR BISPO	127
Robert Toussaint	
UM NOVO CAPITAL: O SABER	139
Alain Touraine	
POSFÁCIO	153
NOTA BIOGRÁFICA	157

A REVOLTA: MAIO 68

Introdução



«Nós somos todos judeus e alemães.» A imagem retrata o estudante Daniel Cohn-Bendit a confrontar um polícia.

Autor: Atelier Populaire

«É proibido proibir.»

«Sejamos realistas: peçamos o impossível.»

«Sob as pedras da rua, a praia!»

Foi há cinquenta anos. No mais burguês dos países burgueses da Europa, hipotecado à segurança social, aos cofres de poupança, ao automóvel, à casa própria, às férias no estrangeiro, ao vestuário renovado em cada estação, ao diamante solitário no dedo das mulheres, símbolo de prosperidade familiar e estabilidade conjugal, onde o individualismo triunfante da Revolução de 1789 atingira o cume da felicidade e da sua própria destruição, da ordem e burocracia triunfantes, um vento de cólera insuspeitado desencadeou um dos maiores movimentos de protesto que jamais abalou a França.

Valerá a pena recordar esse acontecimento? Talvez.

Nanterre à Cabeça

Eram pouco mais de uma centena os estudantes que, em 22 de Março de 1968, em Nanterre, Faculdade

satélite da de Paris, dedicada às Ciências Humanas, lançaram o primeiro grito de revolta.

O porta-voz dos revoltosos era um rapaz de vinte e três anos, aluno de sociologia, filho de alemães nascido em França. Nome: Daniel Cohn-Bendit.

Que pretendiam? Contestar. O quê? Tudo. A Universidade, o Estado, a Sociedade, a Família.

Diziam-nos inspirados em Marcuse, o filósofo. «Disparate», afirmou Cohn-Bendit, «nenhum de nós o leu.»

Um professor de Nanterre, escondido sob o pseudónimo Epistémon¹, ao historiar mais tarde os acontecimentos, dirá que os contestadores eram, na realidade, fruto directo de um certo clima pedagógico existente na própria faculdade, marcada pela presença e pelo espírito de alguns pensadores de grande nível.

Henri Lefebvre² era um deles. Afirmava, entre outras coisas, que a descoberta da pílula anticoncepcional era mais importante que a ida do homem à Lua. E a pílula foi seguramente um elemento importante na evolução das mentalidades e dos hábitos, conferindo uma maior liberdade nas relações entre os sexos e permitindo planear a família, qualquer que fosse o modelo: casamento tradicional, união de facto, monoparentalidade.

Alguns pensadores americanos, lidos ou não lidos, não deixaram de exercer influência.

Foi o caso do psicólogo Carl Rogers³, defensor de

¹ Didier Anzieu (1923-1999), psicanalista. (*N.dos E.*)

² (1901-1991). Filósofo marxista e sociólogo. (*N.dos E.*)

³ (1902-1987). Rogers desenvolveu a «abordagem centrada na pessoa», que defende a recusa em identificar o indivíduo em terapia como paciente ou doente, valorizando a relação entre paciente e terapeuta num mesmo plano, sem posições de hierarquia. (*N.dos E.*)

uma pedagogia não-directiva, autor de frases como: «Os resultados do ensino ou são fúteis ou nocivos» [...] «a melhor maneira de aprender, ainda que a mais difícil, é abandonar a minha atitude defensiva, pelo menos provisoriamente, a fim de procurar compreender como uma outra pessoa concebe e experimenta a sua própria experiência.» O que implica a existência de um diálogo que entre professores e alunos não existia ou não era suficientemente praticado. Aos mestres poderosos e praticamente inacessíveis davam-lhes o nome de «mandarins» e ao sistema de relacionamento «mandarinato».

O mal-estar nas escolas e faculdades crescia.

A 3 de Maio, os estudantes de Nanterre deslocam-se a Paris para discutir com os seus colegas os problemas da Universidade e todos os demais sentidos pela sua geração. A defesa da liberdade sexual e a oposição ao autoritarismo tinham sido, aliás, o detonador da contestação.

À falta de resposta dos diversos poderes estabelecidos, reclamavam o poder à imaginação.

Perante a contestação crescente, o reitor da Sorbonne toma uma resolução: chama a polícia de choque que cerca a universidade e investe contra os estudantes. Este é o rastilho de uma agitação que põe de pé o Quartier Latin.

Há quem diga que o reitor Roche⁴, um homem que fizera a resistência, se sentiu transportado aos tempos da OAS⁵, sem perceber se os revoltosos eram de esquerda ou de direita. Em Nanterre o liberal Grappin⁶ fechou a faculdade. Erros tácticos, em qualquer caso.

⁴ Jean Roche (1901-1992), doutor em Medicina, doutor em Ciências, farmacêutico. (*N. dos E.*)

⁵ Organisation Armée Secrète ou OAS, organização paramilitar clandestina francesa. (*N. dos E.*)

⁶ Pierre Grappin (1915-1997), germanista e linguista. (*N. dos E.*)

Cercar a Sorbonne, deixar agir a polícia contra os estudantes, foi sentido como um sacrilégio, um atentado contra a autonomia da Universidade.

Os estudantes concentram-se. Alain Geismar, secretário-geral do Sindicato Nacional do Ensino Superior, assina o seguinte comunicado:

«Pedimos a todos os professores universitários que assumam directamente as suas responsabilidades, isto é, que desçam à rua ao lado dos alunos.»

A estes juntam-se muitos intelectuais que se dispõem a discutir com eles, em pé de igualdade. Louis Aragon, o grande poeta comunista, é assobiado. Sartre consegue fazer-se ouvir na Place de l'Odéon. Mas... nada de paternalismos.

As barricadas

A agitação entre os estudantes cresce. As paredes enchem-se de frases que representam um desafio e um sobressalto.

Sob o olhar complacente dos burgueses, levantam-se as primeiras barricadas. Românticas barricadas, feitas de pedras e galhos de árvore. Simbólicas barricadas que entroncam na melhor tradição francesa e atrás das quais se encontram os que desafiam o Poder. Vulneráveis barricadas, rapidamente destruíveis pelas mais simples armas de repressão.

O analista Marc Kravetz⁷, no livro *L'insurrection étudiante*⁸, afirma: «A explosão de 3 de Maio marca o

⁷ (1942-), grande repórter da rádio pública France Culture. (N. dos E.)

⁸ *L'insurrection étudiante 2-13 mai 1968, ensemble critique et documentaire*, 10/18 (Union générale d'éditions), Paris, 1968. (N. dos E.)

princípio da insurreição estudantil e a transformação qualitativa do Movimento pela entrada em cena de uma massa inorganizada politicamente, mas animada de uma formidável combatividade. Esta massa irá crescendo de dia para dia e será o elemento decisivo para o desenvolvimento da luta.»

Segundo Kravetz, «o erro do Governo e das restantes forças políticas foi não terem percebido que o movimento era político e não universitário».

Em qualquer caso, as barricadas valem como uma força moral. Quem teve a ideia? Ninguém sabe. As barricadas, inspiradas talvez nas da Revolução de 1848, valem como um símbolo que se reproduz no presente. Levantaram-nas jovens de vinte anos que desafiam a ordem estabelecida com a coragem e a insolência que a idade lhes permite.

E porque eles são o futuro, a França inteira, o mundo inteiro põe os olhos no Quartier Latin.

As escolas encerram em todo o país. Muitas lojas fecham as portas, o abastecimento é difícil.

No dia seguinte, as centrais sindicais lançam a greve geral. No calor da camaradagem que se faz entre os que se encontram na rua e na luta, trabalhadores e estudantes confraternizam.

No dia 13 de Maio, meio milhão de pessoas desfilam em Paris. No cortejo, lado a lado, seguem intelectuais, professores, artistas, estudantes, trabalhadores, dirigentes políticos e sindicais.

«Todas as manhãs chegava à janela para ver se a bandeira ainda lá estava», contou-me Maria Lamas, que vivia nas imediações. Os olhos de Maria Lamas, seten-

ta anos passados, ainda lhe doíam, dos gases lacrimogéneos. «Mas nunca fechei a janela, sabe? Os rapazes podiam precisar de qualquer coisa.» A Costa Ferreira, uma das pessoas que a visitaram, Maria Lamas contou «que tinha passado noites sem dormir, à janela, a deitar água para a rua, para ajudar os outros a suportarem os gases, tentando levar o melhor que podia o ar necessário aos pulmões alheios⁹».

Em vão o general De Gaulle, presidente da República, afirma que não pode tolerar a violência nas ruas.

Nesse mesmo dia, a fábrica Renault é ocupada pelos operários que sentem ter uma palavra a dizer nos destinos da empresa. Seguem-se outras ocupações em diversos sectores de actividade. A problemática da autogestão e da co-gestão é colocada como condição para uma mais justa participação no trabalho.

Entretanto, os sindicatos, não querendo perder a face, reivindicam melhores salários, redução dos horários de trabalho, participação dos trabalhadores nos lucros.

São exigências já conhecidas.

As dos estudantes são outras. Querem ir mais longe e convidam os operários da Renault a fazer luta comum. Não são ouvidos.

Enquanto os líderes estudantis continuam a defender a unidade dos estudantes e dos trabalhadores na luta por uma causa comum, os dirigentes operários desviam-se do campo onde outros se poderiam encontrar. Em vão, os universitários esperarão pelos trabalhadores no encontro marcado junto à Gare de Lyon.

⁹ Excerto de *Uma Vida em Cinco Dias*, de Costa Ferreira. Publicações Europa-América, Lisboa, 1971. (N. dos E.)



WIKIPEDIA



WIKIPEDIA

«A História de Karl Marx.» Sala de aula na Universidade de Lyon.
30 de Maio ou 1 de Junho de 1968.

Trabalhadores à entrada de uma fábrica. «Fábrica ocupada pelos trabalhadores» e uma lista de reivindicações afixada nas grades do portão. Sul de França, 1968.

Fotos de George Garrigues.

À mesma hora, Jeanette Vermeersh¹⁰, viúva do antigo chefe do Partido Comunista¹¹, caminha à frente de uma manifestação operária que se realiza às portas de Paris.

A partir daí, o movimento estudantil e o movimento sindical dividem-se.

Os sindicatos, o patronato e o governo encetam negociações. O ministro da Educação demite-se. Num discurso proferido depois de uma viagem à Alemanha, onde se encontra com o general Massu¹², um militar de extrema-direita, De Gaulle anuncia a dissolução da Assembleia Nacional e assegura que a Reforma da Universidade será anunciada em breve.

Nenhum dos estudantes presos nas manifestações foi condenado. A revolta salda-se com alguns feridos.

A 27 de Maio, François Mitterrand, apoiado por Mendès France¹³, convoca os estudantes para negociar com estes a criação de um movimento que conduzisse a um governo de esquerda. Mas os estudantes recusam. Porque o Poder não lhes interessa.

Em Junho de 1968, todos estão cansados. Os estudantes começam a abandonar a cidade.

Os líderes do movimento estudantil estão fora de

¹⁰ (1910-2001), deputada e senadora. (*N. dos E.*)

¹¹ Referência a Maurice Thorez (1900-1964), secretário-geral do PCF de 1930 a 1964. (*N. dos E.*)

¹² Referência a Jacques Massu (1908-2002), na altura comandante-em-chefe das forças francesas em Baden-Baden, Alemanha, onde a 29 de Maio de 1968 De Gaulle foi consultá-lo. O seu papel político na questão é motivo de controvérsia. De acordo com algumas fontes, Massu assegurou a De Gaulle o seu apoio a uma possível intervenção militar, mas condicionou-o a uma amnistia a oficiais franceses implicados em tentativas de golpe durante a Guerra da Argélia. (*N. dos E.*)

¹³ (1907-1982), político. Na altura, era deputado pela FGDS. (*N. dos E.*)

cena. Jacques Sauvageot, presidente da União Nacional dos Estudantes Franceses cumpre o serviço militar alhures na Córsega. Cohn-Bendit foi expulso de França e regressa à Alemanha, país dos seus pais, onde irá prosseguir uma carreira política, vindo a ser deputado ao Parlamento Europeu, representando o Partido Verde.

Inesperadamente, quando nada o fazia supor, De Gaulle pede uma vez mais o apoio directo da Nação, através de um plebiscito, para fazer depender directamente da vontade o apoio da vontade popular a continuação do seu mandato. Ao «não» da França, o velho general retira-se, deixando o campo aberto à campanha eleitoral.

A última manifestação realiza-se a 29 de Junho.

Em Agosto, o país fecha para férias. A França burguesa vê com alívio o termo de um longo período de agitação. Fatigada de uma festa que durara tempo demais, reclama agora, mais do que nunca, a instauração da ordem.

Abundam as candidaturas de esquerda e de direita. Pela primeira vez na história da França, um estudante de vinte e seis anos¹⁴, trotskista, é candidato à presidência da República.

Que iria acontecer? Todos os que haviam observado os acontecimentos sabiam que a resposta aos problemas que se haviam posto, superava o quadro de uma simples disputa eleitoral.

Talvez os artistas, os sociólogos, os historiados-

¹⁴ Referência a Alain Krivine (1941-). Concorreu pela Liga Comunista, obtendo 1,06% dos votos. (N. dos E.)

res, os cientistas, os estudantes, o povo anónimo que há muito contestavam o presente, possam perceber melhor os caminhos do futuro. Porque eles são, cada um no seu sector, os mais capazes de compreender as mais profundas inquietações da Humanidade.

De Maio 68, o que ficou?

Para os trabalhadores, a conquista mais importante que obtiveram foi porventura o direito de organização sindical dentro das empresas. Tiveram, além disso, um aumento de salário de 10% e uma semana de férias.

Os estudantes conseguiram a demissão do ministro da Educação e meses depois uma nova Reforma do Ensino que cria os mestrados e divide a Universidade de Paris em diversas universidades.

No fundo, conquistas menores. Mas outras mais importantes ficaram.

Jean-Paul Sartre disse que «a burguesia dominante, em qualquer país europeu, não estaria, a partir dali, ao abrigo de uma terrível surpresa».

Mas Maio 68 foi mais do que uma crise no seio de um país capitalista. Outra coisa que não se explica por uma luta de classes. Não nasceu no seio da classe trabalhadora, mesmo quando usou o seu vocabulário. E criou uma nova arma revolucionária: o Saber.

Há quem veja em Maio simples psicodrama. Outros, uma revolução profética. Outros ainda a prova de que uma mudança radical, num país desenvolvido não é possível. Nesse sentido, terá sido o último gesto heróico de um passado romântico.

De qualquer modo, Maio 68 foi a expressão de

um terrível mal-estar nas sociedades evoluídas. Valeu como uma libertação. E é isso que perdura.

O sociólogo Manuel Villaverde Cabral, que viveu alguns desses momentos, diz que «outra seria a nossa vida se Maio 68 não tivesse acontecido».

Na euforia da grande festa colectiva, as pessoas ousaram questionar tudo: para que servem a ciência, a técnica, a família, o amor, quando já não se crê em Deus, nos filósofos, na arte, na cultura, nos políticos, nas formas tradicionais de organização: governos, sindicatos, Estado?

A tão desejada mudança subsiste sobretudo na vida privada, nas relações pessoais, menos formais, mais personalizadas, mais livres.

Num livro admirável, do muito pouco que se publicou em Portugal, *Uma Vida em Cinco Dias*, o advogado e actor Costa Ferreira, que presenciou alguns dias de Maio 68, exprime o seu direito de assumir publicamente a sua homossexualidade, após anos de silêncio, de vergonha e de sofrimento: «[...] Só Paris me permitia a aceitação completa de mim próprio, a coragem de tolerar as afrontas da incompreensão e dos preconceitos, a consciência da minha insignificância, e ao mesmo tempo do dever de significar.»

Nesse sentido, Maio 68 foi indubitavelmente o reencontro das mulheres e dos homens consigo próprios, a renovação do direito à felicidade.

Colocaram-se perguntas essenciais, mesmo que não se tenham dado as respostas. Numa sociedade que já não sabe bem como se divertir, Maio 68 foi uma festa espantosa que durou o tempo de uma paixão.

«Tenho algo a dizer mas não sei o quê», escreveu alguém numa parede. Talvez, como disse Cohn-Bendit: «O essencial não tenha sido dito, porque é preciso ainda inventá-lo.»

BASTA DE CONTESTAR

Jean-Luc Godard



WIKIPEDIA

Jean-Luc Godard em Berkeley, 1968.

Autor: Gary Stevens

«A arte morreu. Godard não poderá fazer nada contra.»

Sorbonne, 1968

«Tenho qualquer coisa para dizer mas não sei o quê.»

Censier, 1968

– Como se chama? Ofélia?

– Não. Eva.

– O seu apelido? Mao, Trotski, República?

– Não. Democracia.

– Onde nasceu? Em Estalinegrado, Al Alemein,
Budapeste?

– Budapeste.

– Considera uma entrevista uma intromissão?

– Sim.

– Considera alienatória a condição da mulher
em casa?

– Sim.

– Concorda com a desculturação?

– Sim.

– Onde deve ser iniciada a desculturação? Nas
escolas?

- Sim.
- Mas isso vai levar muito tempo...
- Sim.
- Como pode um intelectual ser revolucionário?
- Deixando de ser intelectual.

Anne Wiazemsky, neta de François Mauriac, mulher de Jean-Luc Godard, transmite aos jornalistas que interrompem o seu passeio solitário, em *One plus one*, o ponto de vista de seu marido sobre a cultura, em geral, a sociedade, em particular, e a necessidade de refazer uma e outra a partir da negação total, do zero absoluto. *One plus one* é o último filme de Godard. Começado a rodar em Junho de 1968, com capitais ingleses, estreia em Paris em Maio de 1969.

De todos os jovens cineastas franceses célebres, Godard é o que se mantém inteiramente fiel aos princípios das barricadas. Denunciador do Festival de Cannes, de todos os festivais, o seu filme estará ausente do festival marginal que os contestadores do ano passado organizaram este ano. A Godard horrorizam os compromissos. O cinema, que foi inicialmente para ele um meio de expressão estética, tornou-se, com o decorrer dos anos, um instrumento de análise da sociedade, uma forma de contestação denunciadora da alienação do Homem. Desde *Le Petit Soldat* filmado no tempo da guerra da Argélia, à *La Chinoise*, Godard foi afirmando o seu desejo de fazer de cada filme uma arma do pensamento e da acção.